



ELIANE CANTANHÊDE

Triste fim do “dilmismo”

Com José Eduardo Cardozo, foi-se o último dilmista do governo de Dilma Rousseff, que começou o segundo mandato de nariz em pé, cheia de si pela vitória de 2014 e pela sensação de que se desvinculava do seu criador Lula e ganhava vida política própria. Ledo (ou seja, ingênuo) engano. O tempo passou, Lula se impôs, os dilmistas evaporaram e Dilma foi-se isolando dentro do próprio isolamento.

Janeiro de 2015 flagrou Dilma trancada no Planalto com os únicos dilmistas do planeta, achando que ela e eles se bastavam. A sete chaves, a Presidente, Aloizio Mercadante, Ricardo Berzoini, Miguel Rossetto, às vezes Cardozo, pensavam e diziam as mesmas coisas, reproduzindo a autossuficiência e a aversão da chefe à política e aos políticos.

O “núcleo duro” do governo voltava-se para o próprio umbigo, incapaz de ouvir a opinião pública, o mercado, a oposição, a base aliada, o PMDB, o PT e o próprio Lula. Para que o contraditório?

Porém, Lula é Lula. Com o poder que tem no PT e aquele ego que todos conhecem, não ia ficar quieto, ainda mais com a confirmação de que o primeiro mandato de Dilma implodiu a economia e que a casa estava caindo aos pedaços no segundo: a indústria e o comércio para um lado, os empregos para o outro.

Lula partiu para cima de Dilma reunindo a esperteza, o traquejo político, a tropa petista e o ambiente econômico negativo.

Mais e mais isolada na sua teia de crises e de confrontos com Lula e o PT, Dilma foi obrigada a empurrar para fora do centro do poder os dilmistas que Lula nunca suportou. Aloizio Mercadante saiu da Casa Civil para a Educação, e agora Cardozo troca a Justiça pela Advocacia-Geral da União. A troca agradou a Lula, mas desagradou a todo o resto.

Para a opinião pública, a versão fácil, óbvia, é de que Lula e o PT vão tentar fazer gato e sapato da Polícia Federal para esvaziar a Lava a Jato, que é a única válvula de escape para uma população escandalizada e desanimada com a quebra da Petrobras, a venda de medidas provisórias, o poder das empreiteiras, os bilhões de reais voando pelo mundo e virando triplex e sítios por aí.

Para quem acompanha a políti-

ca mais de perto, a conclusão também parece fácil, óbvia: o “núcleo duro” do governo Dilma foi reduzido a uma única pessoa, que, veja só, é mais lulista do que dilmista: Jaques Wagner, o chefe da Casa Civil. Foi ele quem indicou o novo ministro da Justiça, negociou o nome com Lula e fez Dilma engoli-lo calada.

Não à toa, o novo ministro é Wellington César Lima e Silva, que era o terceiro da lista triplíce para procurador-geral de Justiça da Bahia, mas foi o escolhido para

com o Congresso, mas não consegue fazer nada disso.

Lula, o PT e os movimentos sociais não deixam. Vão abatendo, um a um, projetos, nomes, intenções. Não sobra nada e, agora, o alvo passa a ser outro: as investigações da Lava a Jato. O que Dilma e Cardozo não fizeram (porque não quiseram ou não puderam), eles vão tentar fazer agora.

Jaques Wagner é considerado os olhos, ouvidos e a voz de Lula no gabinete de Dilma e ele tem de se equilibrar não só entre dois



Isolada, Dilma está imobilizada. Precisa mexer na economia, recuperar a interlocução com o Congresso, mas não consegue nada disso

o cargo por suas ligações com Wagner. Dizem que é do tipo “fará tudo o que seu mestre mandar”. O “mestre” é Jaques Wagner. Na prática, o ministro da Justiça também.

Além de isolada, Dilma está imobilizada. Precisa urgentemente mexer na economia, arregimentar conselheiros confiáveis e com conhecimento de causa, recuperar o fôlego na interlocução

egos, mas também entre duas visões sobre a autonomia da Polícia Federal e do Ministério Público.

Pode até ousar meter a mão na Lava a Jato, mas não vai ajudar Lula, que se enrolou de tal forma que não tem volta, nem vai dobrar a PF e o MP, que desenrolaram a Lava a Jato de tal forma que não tem volta. Se tentar, quem vai quebrar a cara é ele.

Delcídio renuncia ao comando de comissão

Mais de 10 dias após deixar a prisão e sob pressão do seu partido, o senador Delcídio Amaral (PT-MS) comunicou ontem sua renúncia à presidência da cobiçada Comissão de Assuntos Econômicos (CAE).

O comunicado foi lido no plenário por um colega, o senador José Medeiros (PPS-MT), já que Delcídio está de licença médica por 15 dias e, até o momento, não voltou ao Senado.

A renúncia à CAE atende ao pleito

do PT para que o senador não crie constrangimentos ao partido e mantenha postura discreta para evitar ser abandonado e ter o mandato cassado. A cúpula petista ameaçou transformar sua suspensão em expulsão.